

de pequenos que passaram pelas salas e corredores da unidade. Objetivo dos responsáveis é chegar a 80% de cura de quem chega até lá



de tratamento bem-sucedido, o menino vai embora



A sala de fisioterapia objetiva tornar a recuperação algo lúdico



Isis Magalhães, diretora técnica: luta contra a burocracia



Bianka: talento musical descoberto no hospital pelo regente Cláudio



Manu e Érica: menina arranca risos e chama a enfermeira de chefe

Um exército de solidariedade

» SAULO ARAÚJO

Uma mulher elegante desce do luxuoso veículo na porta do Hospital da Criança, abre a porta traseira e, cuidadosamente acomoda o filho com leucemia, numa cadeira de rodas. A poucos metros, um casal desembarca com uma menina portadora da mesma doença de um ônibus. As diferenças sociais entre as famílias terminam aqui. Dentro da **unidade hospitalar**, ricos e pobres são tratados da mesma forma. Pais de todas as origens trocam experiência e dão força uns aos outros. Esperam sentados nos mesmos bancos. Os corredores são transformados, naturalmente, em um grande espaço de terapia coletiva.

Quem vem de longe é acolhido e ajudado por aqueles que vivem na capital. A rede de apoio é fundamental para dar dignidade a pais que largam tudo na cidade de origem para acompanhar os filhos doentes em Brasília. Atualmente, 43% dos pacientes tratados no Hospital da Criança são de outras unidades da Federação — a maioria do Norte e do Nordeste. Para atender a esse público, a Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer e Hemopatias (Abrace) mantém uma casa de apoio no Guará. Além de oferecer abrigo e alimentação, há acompanhamento escolar e atividades recreativas para crianças, bem como cursos de artesanato para as mães.

Marcela Ferreira Rodrigues, 9 anos, faz tratamento no hospital há dois anos e meio. O pai, Valdemir Martins Rodrigues, 41, deixou o emprego de lavrador no pequeno município mineiro de Riachinho, a 270km Distrito Federal, para acompanhar a filha com leucemia. A casa no interior de Minas Gerais ficou sob a responsabilidade da primogênita, 17 anos. Com a mulher grávida de sete meses, somente Valdemir pode ficar com Marcela na Unidade de Terapia Endovenosa

Humanização

Os sete biomas brasileiros — Amazônia, Cerrado, Litoral, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal e Sertão — foram escolhidos para decorar o hospital. Cada unidade do complexo leva o nome e as cores de um bioma. O local ainda conta com duas brinquedotecas e uma sala de fisioterapia que mais parece um parque de diversões, uma forma de a criança fazer exercícios regenerativos em um ambiente lúdico.

» Para saber mais

Instituição na linha de frente

O Hospital da Criança de Brasília José Alencar surgiu pelas mãos da Abrace, uma instituição filantrópica criada por pais de crianças e adolescentes com a patologia e doenças do sangue. O foco são famílias com dificuldades socioeconômicas. A instituição fornece alimentação, medicamentos, transporte, assistência odontológica e palestras sobre a doença. O hospital integra a rede da Secretaria de Saúde do DF, mas a gestão fica a cargo do Instituto do Câncer Infantil e Pediatria Especializada, associação sem fins lucrativos, criada por iniciativa da Abrace especialmente para esse fim.

(UTE). “Para cuidar da minha filha, deixei o trabalho e estou sem renda. Só não joguei a toalha porque o hospital dá uma assistência muito boa”, afirmou.

Antes de conversar com a equipe do **Correio**, Marcela pediu um tempo para dar um último retoque no visual. Confere

as unhas pintadas de vermelho, reforça o batom e organiza alguns brinquedos na maca. O preferido é um quebra-cabeças. Aos poucos, vence a timidez e revela um pouco do passado, sem esquecer de projetar o futuro. “Quero ser veterinária para cuidar dos bichinhos doentes. Gosto muito de animais. Tive dois porquinhos que morreram e tenho um cachorro em casa. Pena que não posso brincar com ele por causa da minha doença”, disse a menina, que ainda alimenta o sonho de voltar à escola o mais rápido possível.

Transformação

De todas as partes, surgem pessoas bem-intencionadas e dispostas a levar um pouco de alegria aos pacientes e familiares do hospital. Na última quinta-feira, crianças, adolescentes e até funcionários se divertiram tirando fotos em dois tanques de guerra do Exército. Além dos blindados, a força militar levou para o local a banda de música. Sob o comando do subtenente Marcelo Terra, meninos e meninas se transformaram em soldados por um dia. Marcharam, bateram continência e aprenderam gritos de guerra da tropa.

A música se tornou um meio de tratamento eficiente no hospital. Por meio da musicoterapia, o regente e compositor Cláudio Vinícius Fialho acompanha alguns pacientes. Acabou descobrindo, em uma das sessões, um talento. A jovem Bianca Nascimento dos Santos, 15 anos, faz tratamento para combater uma dermatite atópica, doença crônica que causa erupção da pele. Tímida durante as primeiras aulas de canto, surpreendeu com uma voz afinada e poderosa. “A música atua na bioquímica do corpo por meio da frequência. Ela ajuda a desenvolver a parte motora, o campo emocional e aumenta a capacidade de expressão. Os benefícios são enormes. Bianca é prova disso”, pontuou Cláudio Vinícius.

» Três perguntas para

ISIS MAGALHÃES,
DIRETORA TÉCNICA DO
HOSPITAL DA CRIANÇA DE
BRASÍLIA JOSÉ ALENCAR

Como nasceu o hospital?

O hospital completa três anos, mas nasceu nas nossas mentes há mais de 20. Grupos de servidores extremamente comprometidos e de pais de crianças com câncer decidiram se juntar e buscar melhorias. Por mais de 15 anos, conseguimos driblar as burocracias do Estado e avançamos bastante no atendimento, ainda no Hospital de Base. Mas chegou uma hora em que precisávamos ousar. Buscamos parcerias com o Estado e com a iniciativa privada. A Abrace passou a receber doação de todas as partes. É isso que torna a história desse hospital tão singular.

Por que o hospital se tornou uma das maiores referências em oncologia pediátrica do país?

Temos protocolos uniformes e um centro especializado, com as equipes multidisciplinares para cada tipo de tratamento. A experiência internacional nos ensinou que as melhorias são substanciais quando conseguimos centralizar o tratamento com profissionais capacitados e equipamentos modernos. Na outra ponta, temos o importante papel social da Abrace, dando suporte às famílias, oferecendo abrigo na casa de Apoio, e acompanhando as crianças de fora do DF. Agora, temos mais segurança em dar alta, porque elas estarão em observação.

O que esperar do hospital para os próximos anos?

O índice de cura na oncologia pediátrica é de 70%, mas alguns países do primeiro mundo já atingem 80%. Nossa meta é perseguir assim. O tratamento contra esse tipo de câncer tão agressivo e sistêmico dura, em média, dois anos. Não é fácil, mas vamos buscar nos aperfeiçoar cada vez mais.



E AINDA GANHE UM INCRÍVEL KIT PETITES CASSEROLES COM 29 PEÇAS



Período da promoção: 25/09 a 25/12/2014 ou enquanto durar o estoque de brindes.

PARA ASSINAR, LIGUE:
(61) 3342-1000

Ou vá até uma de nossas lojas.

Consulte o regulamento em:
CORREIOBRAZILIENSE.COM.BR/ASSINEGANHE

CORREIO BRAZILIENSE
Você à frente de tudo

DA
DIÁRIOS ASSOCIADOS